



União periférica



Família.

Esta é a nossa.

E a sua?

As fotos deste jornal não se referem necessariamente aos textos. Foram produzidas ao longo do ano pelos alunos da oficina e retratam seus familiares.



Quem somos

União Periférica é uma publicação da Oficina Experimental de Jornalismo - Módulo Jardim Ângela, criada pela Associação de Incentivo às Comunicações Papel Jornal. O projeto, que envolve jornalistas, artistas gráficos e fotógrafos, acontece no bairro do Jardim Ângela, zona sul da capital paulista. Os textos, fotos e projeto gráfico desta edição foram todos concebidos por jovens da periferia que participam da iniciativa.

PARTICIPANTES: Aline Rosa dos Santos, Anderson Rodrigues, Andressa Rodrigues, Eduardo Vieira (Dupac), Elisângela Cesário, Elizandra B. Souza, Fernanda Santana, Giseli Moraes, Luciana Santos, Mara Iza Ventura Carlos, Raul Ventura Fernandes, Robson Oliveira (Smesh), Talita Pereira Lopes, Tereza Ferreira, Tiago do Nascimento e Valquiria Alves.

VOLUNTÁRIOS: Alessandro Nery, Alexandre Gomes (USP), Andréia Silveira Tavares (USP), Armando Antenore, Artur Voltolini, Clarice Fukunari, Cristiane Maia (USP), Fernanda Mena, Glauco Ciasca, Heloisa Helvécia, Joana Brasileiro, Laura Capriglione, Marlene Bergamo, Paulo Daniel Farah, Pedro Azevedo e Teti Santiago.

AGRADECIMENTOS: A.C., Fabiano, Gilmar, Luciana, Sassá e Tereza.

Impressão e fotolitos: Gráfica Cinelândia Ltda.

Se você tem alguma denúncia, sugestão ou crítica, escreva para av. Ivirapema, 42A, Jd. Raniere, São Paulo - SP, CEP 04941-010.
E-mail: becoszs@ig.com.br
Tel.: (11) 5831-5954
(aos sábados)

De onde você vem, afinal?

E aí? Qual o sentido de família para você?

Sabe qual é sua origem? Qual a relação de sua família com as outras que você conhece? Talvez você já tenha parado para pensar, por exemplo, que em muitas famílias há uma mistura de diferentes etnias. Isso tem mais significado do que você imagina...

Sabe o que é curioso? Minha família e a sua podem estar próximas e não sabemos. Mesmo que não estejam, podemos nos reunir e uma família ajuda a outra a entender a relação que as une, uma sempre tem muito que acrescentar à outra, sempre traz um conhecimento novo em nossa vida, mesmo considerando que a família é um negócio confuso: tem um lado engraçado, tem surpresas, alegrias, tristezas.

Tudo isso compõe uma história de vida, que descobrimos quando paramos para pensar nas relações que temos e tivemos ao longo de nossas vidas; nesse momento descobrimos de onde realmente viemos.

Se você não pensou ainda sobre o assunto, pense. Procure analisar como foi sua vida familiar ao longo dos anos. Reflita sobre a importância das relações familiares para sua família hoje.

Uma geração interfere diretamente na formação da outra. Por essa razão, é importante conhecermos nossas raízes.

De onde vêm suas raízes? Como você pode ter herdado de seus pais alguns gestos, manias, formas de agir e pensar, eles também herdaram algo dos pais deles, e dos pais dos pais deles.

Fica o desafio: que tal investigar o passado de seus antecedentes? Nós, do *União Periférica*, fomos buscar no fundo do baú as histórias de nossas famílias. Que tal se você, como nós, tentasse aprender mais sobre si? Boa procura e, claro, boa leitura!

Aline Rosa dos Santos

PATROCÍNIO



PETROBRAS

APOIO



Nossos sobrenomes

Fernanda Santana

Todos recebemos ao nascer um sobrenome, geralmente o mesmo de nossos pais, que herdaram os seus de seus pais e assim por diante. Mas o que significam os sobrenomes? De onde vieram? Para que servem? Por que existem tantas pessoas com o mesmo sobrenome sem ser da mesma família? Pensando nesses desconhecimentos, resolvemos pesquisar alguns dos sobrenomes mais comuns da periferia. Acompanhe:

Ferreira – Sobrenome português, classificado como toponímico, ou seja, com significado de origem geográfica. Significa “lugar onde há ferro”. Rui Pires, fidalgo português, foi o primeiro que se chamou Ferreira.

Silva – A família Silva era uma das mais bem consideradas em Portugal. Descende dos nobres de Leão: Dom Guterres Pais, governador da Terra da

Maia e um homem bastante rico, que foi pai de Dom Peladio Guterres, governador de Alva. Dom Peladio teve como seu primogênito Guterres Aldereta da Silva, o senhor de Torre da Silva, em Alderete. É importante salientar que nem todo da Silva tem essa origem nobre. Na época da escravidão no Brasil, os escravos assumiam o sobrenome de seus senhores, justificativa para a enorme quantidade de Silva de origens tão diversas.

Oliveira – Sobrenome português que se refere ao local onde há a árvore que produz a azeitona. O fundador do tronco familiar dos Oliveira escolheu essa denominação para sobrenome porque possuía uma vasta plantação de oliveiras e também pelo que elas significavam: paz, vitória, fama e glória imortal. Em português arcaico, encontramos o regis-

tro desse sobrenome com variações de grafia. Foram registrados como Oliveira e Ulveira.

Pereira – Mais um sobrenome português toponímico. Nesse caso, refere-se a um lugar onde há pês. Os primitivos Pereira estavam ligados à casa de Bragança, em Portugal. Foi em seu solar, a Quinta de Pereira, que tomaram o apelido, junto ao rio Ave, em terra de Vermoim. A origem mais remota da família provém do conde de Forjaz Bermudez, sobrinho neto de Desidério, o último rei dos longobardos, da Itália. No Brasil, o primeiro Pereira foi o donatário Francisco Pereira Coutinho, assassinado brutalmente pelos índios tupinambás em Itaparica, em 1549. Entre seus descendentes, está um dos mais importantes editores brasileiros, José Olympio (Pereira Filho).

João, que amava Maria, que amava Pedro, que amava...

Giseli Moraes



Ilustrações:
Smesh e Dupac

Meus pais se conheceram quando, no tempo em que minha mãe ainda morava com os meus avós, por um convite do irmão dela, meu pai foi morar na casa em que ela morava. Naquele tempo, ele namorava uma prima, e minha mãe, um outro rapaz. Saíam juntos de vez em quando, mas sempre acompanhados por meu tio.

Passado um tempo, o namorado de minha mãe rompeu o relacionamento, por achar que ela era muito criança (no comportamento) e por gostar da namorada de meu pai. Um ano depois, meu pai também rompeu com a namorada e, tempos depois, começou um namoro com a minha mãe. Separaram-se por um tempo bem curto; o bastante, no entanto, para minha mamãe, com 15 anos na época, descobrir que minha tia também gostava de meu pai. Que confusão! Mas, aos 17 anos, os dois voltaram a namorar, mais sério agora. Com 18 anos, foram morar juntos. Aos

19 anos, a gravidez e, aos 20, o casamento.

Hoje, o ex de minha mãe e a ex de meu pai estão casados, como meus pais, que estão juntos há quase 18 anos. Nesse tempo, como não poderia deixar de ser – os dois são humanos! –, houve brigas, desentendimentos, pois meu pai era muito ciumento e minha mãe não ficava atrás. Mas também houve reconciliações; com uma boa conversa, sempre se entenderam.

Aos 21 anos de minha mãe, tiveram o segundo filho. O terceiro pegou os dois de surpresa. Minha mãe admite que foi um descuido, mas o amor a esse filho é tão grande quanto aos demais.

Observando meus pais, estou certa de que se amam e se entendem. Dizem que conforme o tempo passa o casamento se desgasta, mas nada como os filhos para fortalecer a cada dia a união e o respeito, respeito que em toda e qualquer relação deve sempre existir.



Você acredita em amor à primeira vista?

Valquiria Alves

Ana não acreditava. Mas um dia... “Parada num ponto de ônibus, notei que um moleque do outro lado da avenida me observava. Ele foi até o meio da avenida e ficou me olhando com os olhos arregalados. Depois disso ainda chegou perto de mim. E não falou nada, mas, quando entrou no ônibus, me chamou pra ir junto dele.”

Ana pensou consigo que aquele estranho não sabia o que é respeitar as pessoas. Logo, deixou que fosse embora e ficou no ponto, esperando passar outro ônibus, o que aconteceu alguns minutos depois.

“Desci em Santo Amaro. Ao descer, me deu vontade de entrar na igreja de Santo Amaro. A caminho de lá, o tal moleque do ponto veio em minha direção, chegou perto de mim e falou: ‘Você estava lá é já está aqui!’”

Com medo, Ana não respondeu, apenas continuou andando. O estranho, atrás dela. Ana passou a andar mais e mais rápido, até decidir mudar sua rota: em vez de ir à igreja, foi a uma lanchonete, pensando consigo que, se fosse incomodada, poderia recorrer a algum policial entre os que ficavam por ali.

“Chegando à lanchonete, estava tão assustada e cansada que pedi um refrigerante para que pudesse me acalmar. Mas nem deu tempo para que o garçom pegasse o refrigerante, pois o tal moleque chegou, puxou meu braço e disse: ‘Vamos tomar uma cerveja?’. Estava tão assustada que, num impulso, não vi outra alternativa a não ser aceitar.”

Enquanto tomavam a cerveja, conversaram bastante, até Ana dizer que tinha de ir embora. Ele pediu a ela o número de seu telefone. Ela não deu. Ele deu o de onde trabalhava. Pediu que ligasse no dia seguinte, às duas horas da tarde. Ao saírem da lanchonete, foram até um ponto de ônibus. Ele esperou que ela tomasse o ônibus. Quis beijá-la. Ela não deixou.

“No dia seguinte, liguei para saber se ele realmente trabalhava naquele lugar. Adivinhe só: foi ele mesmo quem atendeu ao telefone. Começamos a conversar e, depois de algum tempo, resolvi finalmente dar meu número a ele. Durante quatro meses, nos falamos por telefone. E só por telefone. Até que resolvemos marcar um encontro.”

O encontro ficou acertado para em frente à igreja de Santo Amaro, às 16h, mas Ana só chegou às 18h. Por fazer muito tempo que não via o tal rapaz, que, de certo modo, já não era mais um estranho, um passava pelo outro e não reconhecia a pessoa com quem tinha um encontro marcado.

“Só me dei conta de que era ele quando passou por mim balançando a cabeça e sussurrando: ‘Acho que ela não vem. Eu desisto’. Nesse dia, começamos a namorar. De início, só nos víamos aos finais de semana, pois eu era babá. Mas, enfim, chegamos até o casamento. Hoje temos três filhos lindos e vivemos muito felizes.”

Ana, minha mãe, pede que eu deixe aqui um recado para quem não acredita em amor à primeira vista: “Comecem a acreditar em coisas que acham que nunca poderiam acontecer. No caso do amor, não prevemos dia nem hora para começar a amar alguém. Não importa quando o amor surge. Importa é você amar a pessoa desejada e que vocês sejam felizes.”

Mãe viúva

Luciana Santos

Em uma cidade do Paraná, nasceu Viloni de Jesus N. Santos, que aos cinco anos precisou vir para São Paulo; seus irmãos vieram trabalhar aqui. Como não tinham uma casa, tiveram de pagar aluguel no bairro Chácara Santana. Quem sustentava a família eram os dois irmãos mais velhos.

Os anos se passaram e Viloni se tornou uma mulher trabalhadora, que por força do destino ficou viúva após três anos de casada, com duas filhas pequenas, uma de dois anos e eu, com um ano. Deparando-se com as dificuldades de criá-las sozinhas, tinha de deixar a filha mais velha com a avó e a mais nova com a tia. Só assim poderia trabalhar. As dificuldades foram aumentando e sua filha mais velha teve de ir morar com a avó, em Juazeiro do Norte, no Ceará. A mais nova continuou com a tia, que disse que só seguiria cuidando da sobrinha se fosse dada. A irmã de Viloni só tinha dois meninos e gostaria muito de ter uma menina. Foi preciso, por conta disso, pensar em outra pessoa para cuidar das filhas – ela não poderia deixar o serviço, ou não teria como se sustentar e às filhas, mas não queria perdê-las.

Os anos foram passando e, com muita dificuldade, Viloni conseguiu um serviço em que ganhava mais, o que permitiu que tivesse as filhas novamente perto de si, não sem contar com a ajuda de familiares e amigos para superar as dificuldades que sempre teve.

Pensando em minha mãe, digo a você, que lê meu texto, que nunca desista de lutar, pois, embora algumas situações nos apresentem dificuldades, podemos superá-las, se tivermos fé e acreditarmos que para nossa felicidade tudo só depende de nós.

Mãe solteira

Andressa Rodrigues

Maria Nilda Rodrigues dos Santos tem 41 anos e nasceu em Crateús, Ceará. Veio para São Paulo depois que se casou com seu ex e único marido, com quem teve quatro filhas, de idades entre 14 e 19 anos. Hoje nos mostra que, mãe solteira, tendo de segurar sozinha a barra de criar quatro filhas, se considera independente e feliz:

Com que idade você teve cada uma das suas filhas?

A Ana Paula e a Andréia, com 21 (uma em janeiro e a outra em dezembro); a Andressa, com 23; e a Ângela, com 26.

Cada gravidez foi desejada?

Aconteceram as quatro e eu as aceitei.

Quando você era casada, seu ex-marido ajudava com as despesas e criação de suas filhas?

Com as despesas ele ajudava um pouco, mas na criação nem um pouco.

Hoje, como você se mantém?

Trabalho em dois empregos. No total, são 12 horas de trabalho.

Sobra tempo para suas filhas?

Domingo. Só. Agradeço a Deus por elas entenderem. De que adiantaria eu estar 24h com elas e não dar nenhum conforto?

Como é a sua relação com elas? Você conversa sobre drogas e sexo?

Considero ótima, estou sempre disposta a dividir e ouvir. Tudo nós vivemos juntas.

Converso sobre tudo, sou aberta para esse lado sobre drogas, vida sexual...

Você acha que a falta de um pai atrapalhou na educação delas?

Não, pelo contrário. Foi bom, porque me sinto mais livre para trabalhar e educar elas.

Era com esse futuro que você sonhava?

Não. Não tinha planos de me casar e queria ter só uma filha, como princesa. Mas Deus viu que eu gostava tanto de criança e me deu quatro, por quem eu tenho muito amor e muita força de lutar tanto.

Com que você sonha para suas filhas?

Com o melhor para elas. Que elas tenham um futuro melhor que o meu, que tenham tudo aquilo com que sonham e não encontrem as mesmas dificuldades que encontrei.

Você se sente ou já se sentiu discriminada por ser mãe solteira?

Já. Demais. Essa sempre foi a parte mais difícil, porque apesar de ser separada, não me sinto incompetente; mas algumas pessoas de fora não entendem, me vêem como uma pessoa indecente. Elas acham que para criar quatro filhas é preciso ter um homem ao lado.

Você era mais feliz antes ou agora?

Agora, porque tenho independência, tenho paz ao chegar em casa e me orgulho de ver minhas filhas fazendo por mim tudo o que eu fazia por elas quando pequenas.



A mãe de Andressa Rodrigues: Maria Nilda, de 41 anos

Avó- mãe

Anderson Rodrigues

Elas têm os filhos, batalham muito para sustentá-los e educá-los e, após alguns anos, são obrigadas a repetirem o processo que tiveram com os filhos, assumindo a responsabilidade de criar também os netos. Eis aí a situação das avós-mães, mulheres de muita fibra.

Os acontecimentos não se deram da maneira como elas planejaram. Isso porque as filhas, e filhos também, muitas vezes tornam-se mães e pais ainda na adolescência. Não tendo estrutura financeira, ou mesmo psicológica, para assumirem as crianças que geraram, as responsabilidades ficam a cargo das avós dessas crianças.

“Quero dar carinho aos meus netos”, diz minha avó, que há 19 anos vem lutando para manter parte dos 16 netos, inclusive o mais velho: eu. “A minha natureza não é a de jogar para fora, é de cuidar”, explica minha avó-mãe.

É extremamente confortável conviver com a avó. E não digo aqui que conviver com a mãe seja ruim, pois não posso escrever a esse respeito, já que não experimentei esse gosto, doce para alguns e, para outros, muito salgado.

Nasci em 1985, quando minha mãe tinha 17 anos. Não conheci meu pai, pois já era falecido. Minha avó materna, então, com o bom coração que tem, resolveu me “adotar”. Passou a cuidar de mim como se cuida de um filho. As responsabilidades foram divididas entre minha mãe e minha avó-mãe, a primeira tendo de trabalhar para sustentar o filho e a segunda sempre a meu lado, cuidando de minha educação.

Considero o meu um caso pacífico, e feliz, pois em muitos casos há verdadeiros choques nas famílias. Afinal, não são todas as mães que aceitam se tornar avós tão cedo, fazendo de si o que chamo de avó-mãe.

Hoje, 19 anos depois de minha avó ter assumido a responsabilidade sobre mim, continuo morando com ela. Recebo todo o apoio possível de minha mãe, agora casada e mãe de mais quatro filhos. Criei um laço afetivo muito forte com minha avó; por isso é que ainda hoje estou com ela. Mas posso dizer, e digo, que tenho duas mães pra lá de maravilhosas.

Dona Patrocínia, a avó-mãe de Anderson Rodrigues



A mãe que morreu

Tiago do Nascimento

Como eu, com 18 anos, posso tentar me adaptar ao fato de não ter mais comigo a mulher que me gerou, saber que se foi e não voltará nunca, lembrar aquela que me cobria quando sentia frio, me dava comida quando tinha fome e animava-me quando estava triste?! Dói (e muito) saber que não estará mais comigo.

O que senti e ainda sinto com a morte de minha mãe (falecida em 2001, vítima de diabetes) não pode ser verbalizado. Ver a mulher que me criou e amou naquele velório, deitada em um caixão com os olhos fechados e as mãos juntinhas, sem sequer sentir uma gota de minhas lágrimas, é inexplicável. Principalmente quando se tem apenas 16 anos de idade... Não há nada que me faça esquecê-la, esquecer seu jeito sincero de ser. Não haverá outra pessoa com esse tipo de amor. Tudo que minha mãe fez por mim tornou-a alguém insubstituível. Não há (nem haverá) adaptação com uma madrasta. Nunca a chamarei de mãe. Nem compartilharemos um carinho material (creio que nunca existirá). Mas tentaremos (ou tentamos) nos dar bem para não incomodar meu velho pai, que assim como minha mãe é insubstituível.

Como eu digo e repito, não me adaptarei à sua morte, nunca me conformarei. Eu e minha mãe ainda estamos juntos, nos meus sonhos e no meu coração. Seria uma traição chamar outra pessoa de mãe... E tenho certeza de que pelo resto de minha vida não o farei... Jamais.

A futura

mãe

Tereza Ferreira

Eu sou Tereza Ferreira, tenho 17 anos e desde os 5 esperava essa idade, porque acreditava que seria a melhor de todas. Acreditava tanto nisso que nem me interessei pela festa de 15 anos. Queria mesmo chegar aos 17. Sentia que algo muito importante me esperava. E aconteceu mesmo muita coisa boa neste ano. A melhor e mais emocionante está sendo minha gravidez.

Estou entrando no quarto mês e me sinto muito feliz e empolgada. Apesar de não ter sido planejada, a criança já é muito amada. Quando comecei a desconfiar da minha gravidez, pensava que iria perder toda minha juventude, que ficaria presa e não poderia fazer mais nada. Dizia para mim mesma que não poderia ser verdade. Não queria ter um filho agora. Planejava ter filhos e casar depois da faculdade.

Desconfiei da gravidez porque enjoava e sentia desejo de comer laranja e maçã. Minha mãe me levou para fazer exame de urina. Estava ansiosa, quando a enfermeira me disse: "Deu positivo, parabéns! Olha! Ame essa criança desde já. E cuide direitinho de vocês".

Eu fiquei sem reação. Não sabia o que pensar e o que fazer. Minha mãe, diferentemente do que estamos acostumados a ver, me deu muito apoio e compreensão, mas reconheceu que me descuidei. Essa atitude me deu força e me fez mudar de opinião e perceber que não vou perder a minha vida. Também não vou deixar de conhecer novas pessoas ou lugares nem deixar de sair com minhas amigas.

A gravidez significa apenas que, dentro da minha rotina, será incluída mais uma vida e que essa vida receberá muita atenção minha. Tenho de respeitar essa criança e não tenho o poder de decidir se ela viverá ou não. Isso não está em minhas mãos.

Meus irmãos ficaram surpresos com a notícia. Foi um choque para todos. Eles ficaram assustados no início, mas já se acostumaram com a idéia de ter

um sobrinho ou uma sobrinha. Eles só acham que estou fazendo muita frescura com os sintomas, mas isso eles e nenhum homem poderão dizer, pois não engravidam. Nunca sentiram a gravidez e, se alguém não pode sentir algo, também não pode opinar..

Não sei dizer se o pai do bebê está gostando ou não, porque ele não me disse, mas quer assumir tudo. Meu pai nunca se preocupou comigo e com meus irmãos. Quando dei a notícia, ele não fez escândalo nem me incriminou, mas disse: "Agora temos de cuidar". Estou muito feliz com o meu bebê. Estou fazendo pré-natal e cuidando muito bem de nós!

Da esquerda para a direita, as irmãs de Fernanda Santana: Audri (2 anos), Manuela (18 anos),



Grazielle (11 anos) e Andressa (8 meses)



Mãe e irmã de Fernanda Santana



Ana e Porcino, mãe e irmão de Valquiria Alves



Felício, pai de Elizandra B. Souza



Audri, irmã de Fernanda Santana



Tereza, mãe de Mara Ysa Ventura

A família dos primos Mara Ysa e Raul Ventura



Rose, mãe de Giseli Moraes

A família de Elisângela Cesário



A procura do pai

Fernanda Santana

Me chamo Fernanda e em minha família sou a mais velha de cinco meninas. Criada somente pela minha mãe, até meus cinco anos, quando comecei a frequentar a escola, não sentia falta de um pai. Mas lá fui percebendo que as outras crianças tinham pai e mãe. Elas comentavam de seus pais: ora dos passeios de final de semana, ora do quanto o pai era legal ou bravo. Eu ficava quieta quando me perguntavam do meu pai, pois não o conhecia, não sabia se ele existia, quem era, qual seu nome ou onde morava, se já havia me visto... Sofria preconceitos por ser a única criança que não sabia do pai. Então, certo dia, à noite, perguntei à minha mãe: "Mãe, eu tenho pai?" Ela, meio fria, respondeu: "Tem!" "E cadê

Fábio, tio de Anderson Rodrigues



ele?" Ela não sabia responder. Fiz mais perguntas: como se conheceram, se ele me conhecia... era como se eu estivesse construindo um pai de quem pudesse falar na escola.

Dessa fase o pior foi o dia dos pais. Fiz o presente, mas não sabia a quem entregar. Sentia que se entregasse a outra pessoa meu pai ficaria triste. Era um desenho de uma gravata com um pente dentro. Todas as crianças felizes e eu confusa. Por isso quis conhecer meu pai. Minha mãe não sabia onde ele morava, mas tinha um amigo em comum com ele que se ofereceu para nos levar. Ela tentou de tudo para que eu desistisse, mas eu estava certa do que queria.

Na véspera de conhecê-lo, mal dormi de tanta ansiedade. Ficava imaginando o rosto dele e a felicidade que sentiria ao me conhecer. Lembro que chegamos a um portão atrás do qual havia uma imensa escada num enorme corredor. Minhas pequenas pernas mal conseguiam descer as escadas... Ao chegar em frente a uma casa de onde vinha uma música alta, minha mãe bateu na porta. Veio atender um homem. Logo pensei: "Esse é meu pai!" Mas minha mãe perguntou: "O Antônio está?" O homem o chamou. Quando ele viu minha mãe, arregalou os olhos. Os dois se cumprimentaram e minha mãe me apresentou: "Essa é sua filha. Queria te conhecer."

Nesse momento eu fiquei sem reação, não sabia se sentia medo, vergonha, felicidade. Apenas me escondi atrás de minha mãe. Ela me fala: "Você me atentou para vir até aqui e agora fica se escondendo!" Ele me olha, me dá um sorriso e diz "Oi!". Eu, escondida, disse "Oi!" baixinho e dei um sorriso tímido. - Eles começam a conversar. Ela fala dos anos passados e da minha ingratidão expressa na vontade de conhecê-lo. - O que mais me marcou daquele dia foi ele me pegar no colo e sair pela vizinhança me apresentando a todos, dizendo, todo orgulhoso, "Essa é minha filha! Ela não é linda? Parece com o pai!"

Ao chegarmos de volta à casa dele, ele me colocou no chão e me perguntou o que eu queria ganhar de presente de Natal. Eu, inocentemente, respondi: "Minha mãe falou que o Papai Noel não vai me dar presente de Natal esse ano por que eu já ganhei!" Ele me perguntou: "Foi? O que você ganhou?" Eu respondi: "Você! Minha mãe falou que o Papai Noel disse que se eu te conhecesse ele não precisaria me dar presente de Natal." Ele me olhou com lágrimas nos olhos, me abraçou e pediu que eu escolhesse outro presente...

10



Um pouco de mim

Elisângela Cesário

Nasci num pequeno vilarejo do interior do Ceará, numa família de quatro irmãos. Muito nova tive de deixar meus pais para morar com meus avós. Muito pobres, meus pais não podiam manter todos os filhos juntos de si.

Vivi meus primeiros anos de vida com meus avós, até a separação de meus pais, quando passei a cuidar da casa de meu pai. Uma vez que ele já não estava mais com minha mãe, a mãe dos meus irmãos tinha de ser eu.

A princípio, foi difícil me adaptar àquela nova vida: era uma criança ainda e já carregava comigo a responsabilidade de cuidar de uma casa e de duas crianças bem pequenas, dois de meus quatro irmãos. E ainda tinha de sobrar tempo para estudar! No entanto, de tudo o que vivi na casa de meu pai, só ficaram lembranças boas, tudo era muito prazeroso. Apesar de toda minha inocência, as atribuições que tive me marcaram como uma grande experiência de vida.

Hoje vivo com minha mãe em São Paulo e, longe de meu pai, quando me lembro dele tenho saudade. Viver com minha mãe também é maravilhoso, mas após a mudança de cidade, de Estado até, minha vida tornou-se outra. Possivelmente porque aqui não tenho de me preocupar com coisa alguma a não ser comigo mesma.

Estranho porque, com 22 anos, já adulta, sinto-me uma pré-adolescente, sem responsabilidade para com as pessoas, só com relação a mim mesma. E quando de fato era pré-adolescente me sentia como uma adulta... Talvez seja por ter carregado comigo a responsabilidade de cuidar de coisas de que, em geral, só um adulto se encarrega de cuidar.

Os únicos inconvenientes de morar com minha mãe são alguns problemas que, vez ou outra, tenho com meu padrasto e com minha irmã mais velha. Como não morávamos juntas, a convivência que se estabeleceu não foi sem estranhamento.

Algo muito bom para mim é o fato de que meu pai e minha mãe são pessoas muito liberais, nunca me proibiram de fazer nada.

Por tudo, os dois são demais! Eu simplesmente amo os dois da mesma forma, pois fizeram o melhor por mim. Sou grata aos dois e espero sempre fazer o melhor para que sejam mais e mais felizes em suas vidas.



Ângela, irmã de Andressa Rodrigues

Meu irmão

Mara Yza Ventura Carlos



Moisés Wellington Ventura, 26 anos, é filho de mãe solteira, Tereza Cristina Ventura, e meu irmão. Tem uma história triste e vou contá-la a você que me lê.

Aos treze anos Moisés participou do primeiro assalto, pelo qual nosso irmão mais velho, Julio Cesar, foi preso em seu lugar. Passando em frente à loja, o segurança reconheceu as roupas roubadas em Julio, que não conhecia a procedência delas. Nossa mãe lamentava a injusta prisão.

Julio foi solto e, sem que nossa mãe soubesse de nada, Moisés continuava na vida do crime.

Aos 18 anos ele se deparou com uma cena terrível: nosso irmão Julio Cesar estirado no chão. Foi assassinado com três tiros. Era viciado. Isso mudou as coisas para Moisés. Entrou para a Igreja dos Santos dos Últimos Dias, foi batizado e cogitou ser um missionário. Procurou emprego, mas nada deu certo. Ele até humilhado foi por possíveis empregadores. Sem emprego, virou flanelinha. Mas essa vida não durou. O movimento caiu e Moisés se viu sem trabalho e sem um tostão no bolso.

Então um amigo que sabia que ele fora envolvido com o crime, o envolveu num assalto a um supermercado. Moisés foi condenado a seis meses de reclusão por furto. Nossa mãe Tereza chorava de medo de perder mais um filho; então o único homem da casa.

Duas semanas depois de solto, Moisés se inscreveu num curso de marcenaria. E conseguiu também, com mais uns amigos, e jornalistas que ajudaram, criar um jornal de bairro. Deu certo. Chama-se Becos & Vielas.

Tempos depois, arrumou um emprego. Foi a época mais feliz de nossas vidas. Tudo caminhava bem. Mas essa fase só durou um ano. Num corte de funcionários, Moisés foi um dos demitidos. Ele lutou muito. Ia todos os dias a agências de emprego. Mas sempre a mesma resposta: "Não há vagas!"

Hoje meu irmão está atrás das grades novamente, já há dois anos e seis meses. Diz se arrepender, principalmente porque não gosta de ver sua família passar pela humilhação que é lá na cadeia em dia de visita.

Desejo muito que ao sair de onde está meu irmão esteja renovado. Se no começo ficava envergonhada com essa história, fruto de desemprego e, também, de más amizades, agora encaro a situação com mais tranquilidade. Procuo entender algumas coisas. Não é porque meu irmão é um detento que vou apenas julgá-lo. Demonstro, isso é o que conta de verdade numa família, o amor que sinto por ele. É o que pode mudar algo pra nós.

Moisés, o irmão de Mara Yza Ventura Carlos



Infância

Talita Pereira Lopes

Andressa, a irmã mais nova de Fernanda Santana

Chamo-me Talita, tenho 17 anos e moro no Jardim Gaivotas, onde vivi minha infância com minha família. Desse período, lembro que nunca gostei muito de brincar com meus irmãos (Jonatas, Denise e Jesiel). Sempre preferi brincar sozinha. Eles gostavam de aventuras e brincadeiras perigosas, enquanto eu adorava ficar em casa brincando de bonecas e outras coisas. Diziam que eu era boba por não fazer coisas novas.

Um dia resolvi entrar na deles. Jonatas amarrou uma corda bem alto e falou para eu escalar. Tive coragem e subi. Quando estava no meio da corda, senti algo me picando e soltei as mãos. Foi um marimbondo enorme. Quando percebi, a dor que sentia era maior que a da queda: torci o pé. Fiquei uma semana com o pé doendo e inchado. Nunca mais entrei na onda de meus irmãos. Continuei fazendo aquilo de que gostava. Das brincadeiras da infância, essa foi a que mais me marcou.

Hoje só tenho a Denise e o Jesiel. O Jonatas um dia viajou e nunca mais voltou. Morreu afogado aos 16 anos, uma história que mexeu com a minha família. Tenho muitas saudades dele, que foi tão especial em minha vida. Penso nele com se fosse uma estrela que jamais deixará de brilhar. Imagino como seria um dia poder vê-lo novamente e relembrarmos as brincadeiras que fizemos juntos. Sei que é impossível. Então, apenas sonho com as boas lembranças que tenho dele enquanto estava aqui.



Ilustrações: Smesh e Ganu

História

de Julio Cesar

Raul Ventura Fernandes

Paulo Eduardo, irmão de Tereza Ferreira

Julio Cesar Ventura nasceu no dia 30 de agosto de 1974. Em sua infância era um garoto muito, muito obediente à sua mãe, Tereza Ventura, e amado por todos da família por seu carinho e humildade. Julio era atencioso com todas as pessoas à sua volta, não via maldade em ninguém. Sempre gostou de ir à escola, somente um dos lugares em que conquistava o próximo com facilidade e naturalidade. O tempo foi passando e Julio foi crescendo, cada vez mais carinhoso com sua família, especialmente com sua avó, Maria Ventura, e com sua mãe, Tereza Ventura.

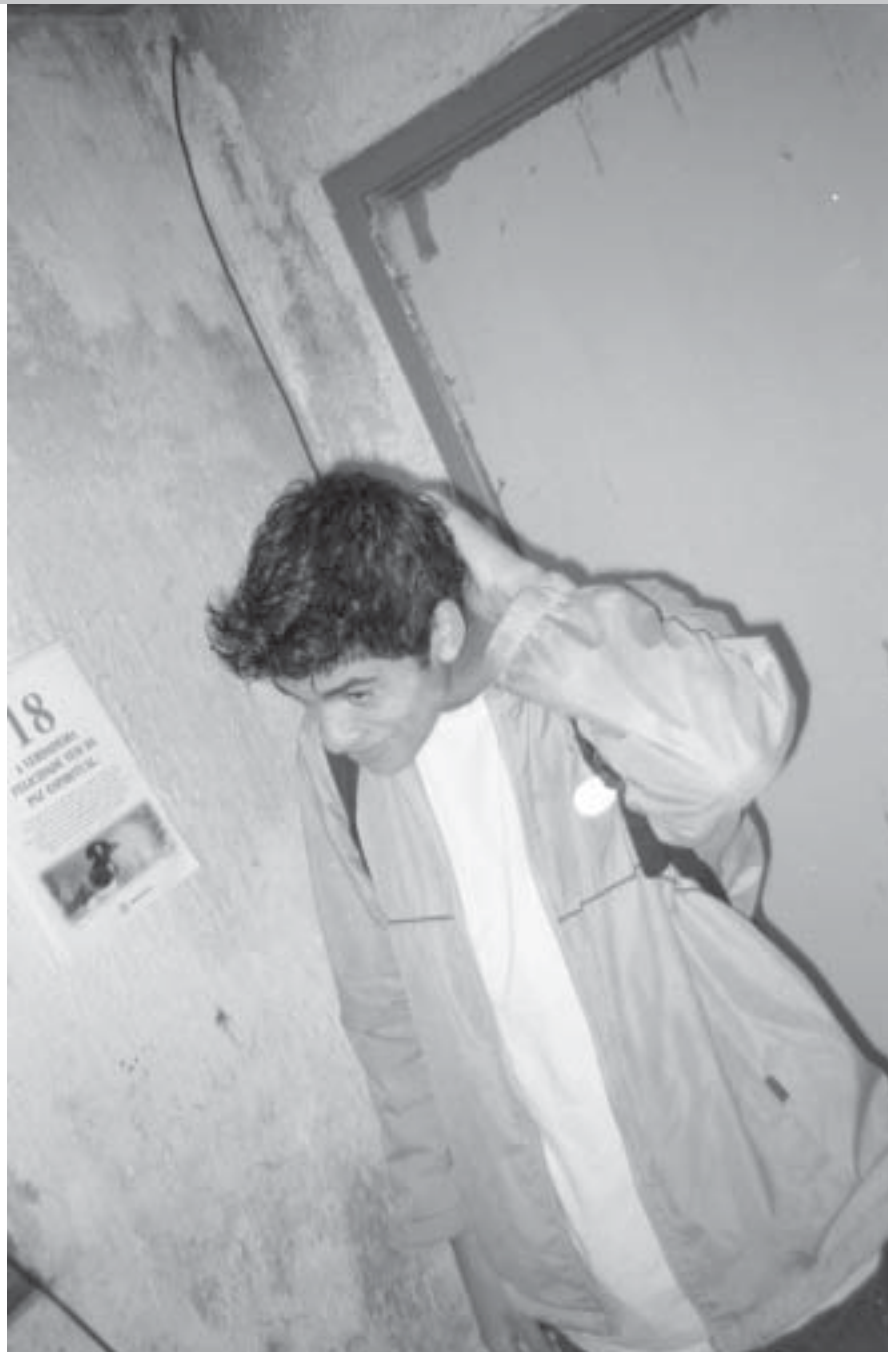
Aos 14 anos, como qualquer outro garoto, começou a ter amizades marcantes fora de casa, passando mais tempo fora, já que antes costumava ir de casa para a escola e da escola para casa. Para fazer companhia aos colegas, passou, inclusive, a dormir fora. Foi nessa fase, com seus poucos 14 anos de idade, que Julio começou a usar drogas. Começou com cola de sapateiro.

Veio o desgosto da família. Algumas vezes minha mãe e minha tia – a mãe do Julio Cesar, o J.C. – corriam atrás de meu primo pedindo que ficasse em casa pelo menos uns dois dias para tentar se recuperar. Ele não era agressivo ou algo parecido, mas eu tinha um certo medo de que acontecesse o que de fato acabou acontecendo.

Nem parecia que J.C. usava drogas: ele não incomodava ninguém, não brigava com seus irmãos, não falava palavrão dentro de casa. Aos 17 anos, a primeira namorada. Namorou quase um ano e, aos 18 anos ficou noivo. A dois dias de seu aniversário, casou-se. Sua noiva estava grávida.

Pouco antes de sua filha nascer, achei mesmo que ele não estava mais usando drogas. Mas ele piorou. Não se separava dos maus amigos do Jardim Nakamura e do Jardim Bologna. Deixou a esposa e voltou a morar com a família de antes, mãe e irmãos. Tentaram de tudo para salvá-lo da autodestruição, mas não teve como.

J.C. ficou duas semanas em casa tentando se recuperar, mas numa terça-feira



a tia dele pediu um isqueiro para ele ao que ele respondeu: “Tia, não posso dar à senhora porque é o terceiro que fulano me empresta e eu não devolvo. Ele disse que se eu não devolvesse, dessa vez iria me matar”. Pensamos que J.C. estava blefando, mas desde que saiu

para devolver o isqueiro não voltou mais. Dia seguinte recebemos a notícia da morte dele. Levou tiros na perna e, na nuca, o de misericórdia.

Bem, a verdade é que eu não sei mais detalhes da história, não sei tudo direito, mas o que eu sei está aqui.



O bar de Ana, mãe de Valquiria Alves

Eduardo Vieira

O b a r

O meu nome é Elisberto e gostaria de falar sobre minha vida.

Sou um homem de família, engenheiro, casado, e tenho dois filhos, a quem oriento da maneira mais cuidadosa possível. Num mundo repleto de maldade, drogas, violência, perversão, isso é imprescindível. Se o pai não cumpre seu papel, eles caem num buraco sem fundo de tudo quanto é coisa que não presta...

Tenho bastantes amigos e gosto de ir ao bar beber um pouco. Dizem que sou alcoólatra, mas não é verdade. Dizem que faço coisas de que não me lembro quando bebo. Mas bebo pouco e sempre tenho consciência do que estou fazendo.

Meus filhos mesmo, como disse, coloco na linha, para que não se envolvam com más companhias e não mexam com drogas. Meu filho mais velho tem 16 anos e se chama Fernando. O outro, mais novo, tem 15 e se chama Rogério. Os dois sempre me obedeceram.

Sou uma pessoa correta, não gosto de brigas. Por isso, não mexo com

ninguém. Dizem que sou folgado quando bebo, mas só bebo mesmo para esquecer dos problemas do dia-a-dia.

Assim foi. Assim eu achei que foi até o momento crucial de minha vida em que minha visão das coisas, de mim mesmo, mudou. E percebi que o que diziam sobre mim sempre foi verdade.

Tudo porque certo dia aconteceu um fato inesperado. E esclarecedor. Ao chegar do serviço, fui ao bar do Zé tomar um copo de pinga e, ao chegar lá, estava fechado. O Pedro, como sempre, já estava lá; era o que mais freqüentava o bar. Ele batia e batia na porta.

Eu, com uma grande vontade de beber, resolvi me juntar a ele. E comecei a bater na porta também. Não interessava se estava fechado. Eu ia pagar e não queria saber se estava fazendo barulho. Afinal, o bar do Zé era o mais perto por ali. Depois de uns cinco minutos, parei de bater por alguns segundos e fiquei pensando: "O que eu estou

fazendo?" Parei e fiquei olhando para Pedro batendo na porta. Percebi que ele não era o mesmo. Não era aquele Pedro que estava sempre ali, alegre e divertido, tomando sua pinga com os amigos. Parecia ser outro, estava fora de si. Parecia um viciado; nunca pensei que fosse ver isso um dia.

Ironia do destino, talvez. Não sei, mas depois desse dia percebi que eu mesmo era um viciado. Eu, que tanto falei para os amigos terem cuidado com as drogas, não vi que no fundo era um drogado. Alguém que tem mais é que aprender com as crianças que julga orientar, mas que precisa é de orientação, precisa saber por onde anda e precisa olhar direito se não se desviou do caminho.

Que caminho?



Raízes

Elizandra B. Souza

No meu 2º ano de Ensino Médio, precisei fazer um trabalho de escola, de Educação Artística, sobre as raízes da minha família. Foi quase impossível resgatá-la por inteiro. Eu quero muito conhecer minhas raízes mais a fundo, mas é bem difícil – apagaram nossa história.

Sei que sou descendente de negros, índios e brancos, mas meus familiares não tinham quase nenhum dado a respeito dos meus ancestrais. Fiquei muito decepcionada e me perguntava: "Onde estão minhas raízes e da maioria da população brasileira?". Como desejei encontrar uma lâmpada mágica e perguntar ao gênio: "Onde estão as origens dos meus ancestrais? Onde viveram? O que faziam? Como eram?"

Como se não bastasse, fizeram uma lavagem cerebral nas pessoas que ainda vivem no continente africano. Em muitos países de lá, quando as pessoas

mais velhas, chamadas Griots, morrem, é como se uma biblioteca inteira tivesse pegado fogo.

Como queria saber de que país exatamente meu ancestral negro era. Recorri aos livros, pois meus pais nada sabiam. Fiquei preocupada. Se nada sei a respeito, o que os meus filhos ficarão sabendo?

Nunca havia desejado ser outra pessoa, mas no momento de pesquisa desejei ser o autor norte-americano Alex Haley, escritor da autobiografia *Malcom X* e do livro – senti inveja, queria ser autora – *Negras Raízes*. Foi um livro que levou doze anos para ser escrito. Nele é narrada a epopéia de uma família e a sorte injusta de um povo oprimido. É também a história de milhões de negros americanos descendentes de africanos. Esse livro não induziu à revolta; ao contrário, produziu um fenômeno com repercussões inclusive no movimento ne-

gro brasileiro: a ancestromania, que tem levado muitos negros a pesquisar seus antepassados na África.

Não tendo alternativa, usarei a história do livro *Negras Raízes* para contar aos filhos que terei um pouco do que viveu o povo negro. É a autobiografia mais coletiva de que já se teve notícia. Não trata apenas do mais remoto ancestral de Alex Haley, trata também do mais remoto ancestral na genealogia de uma raça inteira.

No Brasil, foram feitas muitas pesquisas sobre as origens dos afro-brasileiros, mas, infelizmente, por determinação do então Ministro da Fazenda, Ruy Barbosa, no dia 13 de maio de 1891 foram queimados todos os arquivos sobre a escravidão – segundo ele para apagar uma terrível mancha. Fica a pergunta: "Quais foram as tribos africanas que entraram no Brasil? Terão sido só bantos e sudaneses? Ou não?"

